



2004/11/15

A FUNDA E A PEDRA [1]

Miguel Freire

The Sling and The Stone (“a funda e a pedra”, numa referência ao armamento de David para derrotar Golias) é o título de uma obra escrita por um Coronel no activo do Corpo de Fuzileiros Navais Norte-Americanos e foi publicada no início do mês de Outubro, tendo por assunto a Guerra no século XXI. Trata-se do culminar de vinte e nove anos de serviço em que, por diversas vezes, em pós-graduações ou em cursos como o National Defence College of Canada, o autor estudou o fenómeno da insurreição. É pois sobre a temática da insurreição que se debruça, mas numa versão mais refinada e designada por Quarta Geração da Guerra (Fourth Generation War – 4GW).

O que é então a 4GW? Como todas as outras formas de guerra, também procura mudar a posição política do adversário usando todos os sistemas de armas à disposição. Mas usa não só os sistemas de armas, como todas as redes – políticas, económicas, sociais e militares – para convencer os decisores políticos inimigos que os seus objectivos estratégicos não são alcançáveis ou são demasiado onerosos para os benefícios previstos. Tal como todas as outras formas de guerras, também reflecte a sociedade de que faz parte e a evolução em consonância com ela.

Trata-se de uma forma evoluída da insurreição, ou seja, segue a linha de orientação de que uma vontade política superior, devidamente aplicada pode derrotar potências económicas e militares mais poderosas. Ao contrário de todas as outras formas de guerra, esta não pretende vencer pela derrota das forças militares inimigas, mas sim, através de redes atacar a mente dos decisores políticos inimigos e destruir-lhes a vontade política. As guerras de quarta geração são por isso longas no tempo – medidas em décadas e não em anos.

Trata-se de um modelo sistematizado por Bill Lind e Gary Wilson que, juntamente com outros co-autores num artigo na revista Marine Corps Gazette (Outubro 1989) identificaram três gerações anteriores no período moderno da guerra: a 1ª geração, que reflectia a tática da linha e da coluna, consequência da tecnologia e das transformações sociais da revolução francesa; a 2ª geração, que fora uma evolução da primeira em consequência dos melhoramentos qualitativos e quantitativos do armamento disponível e tivera o seu apogeu na Primeira Guerra Mundial; a 3ª geração, caracterizada pela manobra operacionalizada durante a Segunda Guerra Mundial com a crescente valorização das comunicações sem fios, do carro de combate, do avião, etc. É pois com base neste modelo que o autor se lança para se concentrar na 4GW e provar ser este o tipo de guerra para o qual as forças armadas do seu país, e da sociedade em geral, dever-se-ão preparar.

O autor concentra-se ao longo dos primeiros três capítulos na abordagem das três primeiras gerações da guerra, para concluir o seguinte: primeiro, nenhuma destas gerações consistiu numa transformação repentina, mas sim numa evolução ao longo do tempo; segundo, cada nova geração requereu desenvolvimentos em todo o espectro da sociedade (ao nível político, económico, social e tecnológico); terceiro, que é observável uma progressão lógica ao longo daquelas gerações nos objectivos no sentido da retaguarda dos adversários: a primeira, concentrada na destruição das forças em contacto próximo; a segunda, mercê dos alcances do apoio de fogos alarga a destruição às forças combatentes; a terceira, tira proveito da evolução técnica para destruição do comando e controlo, e ainda da logística como a forma mais rápida de destruir a vontade de combater do inimigo. Mantendo-se a tendência para caminhar no sentido da profundidade do inimigo, então a quarta geração deverá procurar a destruição ainda mais na sua profundidade. É através de alguns case studies que o autor tenciona provar que a profundidade a atingir directamente, é a vontade política dos decisores políticos.

Antes de avançar para os case studies, o autor concentra o quarto capítulo na identificação das transformações actuais na sociedade. O Coronel Hammes salienta alguns aspectos: a perda de importância do estado-nação, o simultâneo incremento do seu número em termos mundiais e o aparecimento de actores não estatais. Sobre estes, ele releva os mercados financeiros internacionais, considerando-os actores internacionais mais poderosos e menos controlados.

Destaca também a globalização, a facilidade das comunicações e o conhecimento como matéria-prima, moldando as actividades económicas e financeiras (que fazem com que a propriedade de uma empresa possa estar distribuída por todo o mundo, tendo pouco interesse nas necessidades políticas da nação mãe de que é origem). Releva ainda que os cidadãos dos países mais evoluídos não se limitam a viver num estado-nação hierarquizado, mas sim numa comunidade internacional em rede.

O autor argumenta que a Guerra evoluiu neste sentido, materializado de forma exemplar pelos ataques de 11 de Setembro de 2001 (EUA) e 11 de Março de 2004 (Espanha), em que o conhecimento necessário à sua execução é desenvolvido num país, depois é combinado com pessoal, material e treinos disponíveis noutros países (incluindo o país alvo), para criar uma arma no país alvo.

Os casos que o autor apresenta são interessantes e abordam uma forma diferente de os interpretar. Atribui a Mao Tse-Tung a criação do conceito da 4GW, analisando de forma concisa, mas objectiva, o conceito revolucionário e a forma como conduziu toda a “campanha”, desde a Longa Marcha até à conquista da capital, Pequim, em 1949 (capítulo 5). Para identificação das características da 4GW, analisa em seguida a Modificação Vietnamita (capítulo 6), o Refinamento Sandinista (capítulo 7), a primeira Intifada (capítulo 8) e a Intifada Al-Aqsa (capítulo 9). Em todos estes casos é notório que as acções militares contra um adversário de 4GW só fazem sentido se contribuírem para o objectivo político do governo. A tendência para a contagem das baixas ou o controlo físico de determinadas regiões não têm significado. O que importa é saber se as acções afectam a força política dos combatentes.

Nos capítulos 10, 11 e 12 o autor analisa, respectivamente: a Al-Qaeda, como um inimigo transnacional; o Afeganistão como uma network tribal; e o Iraque, hig-tech versus quarta geração.

Depois, no capítulo 13, concentra-se em provar que a tecnologia não é nenhuma panaceia, que não se traduz numa vantagem devido à actual organização das forças armadas e ao tipo de ameaça que se enfrenta. O seu alvo de crítica é o Departamento de Defesa (DOD), a quem acusa de se iludir pelas capacidades tecnológicas associadas a ideias como a JV 2020, a Network-Centric Warfare e o Transformation Planning Guidance, para poder obter uma compreensão quase perfeita do campo de batalha, precisamente quando tal não acontece nos teatros de operações do Afeganistão e do Iraque.

No capítulo 14 identifica as características da 4GW ao nível estratégico, operacional e tático. Nos últimos três capítulos, num misto de espírito de missão e filantropia que caracteriza os oficiais no activo das forças armadas americanas e que se comprometem com a publicação de livros, o Coronel Thomas Hammes propõe importantes linhas de orientação no sentido da sua nação e forças armadas, bem como outras agências governamentais, se adaptarem à 4GW.

Consideramos este livro de leitura obrigatória para os militares em geral ou quem se debruce sobre o fenómeno do conflito armado, seja ele nas cidades do Iraque ou nas operações de apoio à paz espalhadas pelo mundo. Podemos enunciar algumas características que o tornam de vital importância:

- O modelo adoptado pelo autor pode ser questionado na sua sistematização, mas não deixa de caracterizar de forma objectiva o denominador comum de conflitos que se sucedem há mais de cinquenta anos e que algumas potências europeias e os Estados Unidos insistem em esquecer;

- As linhas de acção propostas pelo autor, podendo não constituir a solução, dão um contributo importante para forças armadas em transformação;

- Porque, afinal de contas, a guerra que os Portugueses travaram em África foi, segundo o modelo do autor (e como ele próprio afirma), uma guerra de 4GW, ou seja, implicitamente releva o património doutrinário e de experiência feita que têm as Forças Armadas Portuguesas.

[1] The Sling and the Stone. Col. Thomas X. Hammes, USMC, Zenith Press, USA, 2004, ISBN 0-7603-2059-4, pp 321.